

# Camilo ressuscitado

JOÃO GASPAR SIMÕES

A fobia manifestada pelo romancista moderno contra a "história" parece estar a produzir já uma salutar reação no leitor. Nas coleções de bolso tanto francesas, como inglesas, italianas ou alemãs, surgem agora, frequentemente, autores que durante cinquenta anos viveram no ostracismo. Pelo menos, nunca se encontravam misturados com a nata da novelística universal, espécie de rebotinho da literatura de ficção, enquanto a literatura de ficção constituiu um apuramento quinto-essenciado do genero por eles cultivado. Referimo-nos aos folhetinistas propriamente ditos: os Eugénios Sue, os Dumas, os Ponsons du Terrail. Deparam-se-nos lado a lado "Os Mistérios de Paris" e a "Madame Bovary", "O Conde de Monte Cristo" e "A Cartuxa de Parma". Sue e Flaubert, Dumas e Stendhal, desacreditados folhetinistas e mestres do romance clássico, vizinham agora, nas prateleiras das bibliotecas, como se pertencessem todos à mesma família e todos fossem dignos da atenção dos mais exigentes leitores.

Bem pode ser, realmente, que esta reabilitação dos folhetinistas do século XIX seja uma consequência da tal fobia manifestada pelos romancistas dos nossos dias contra o elemento que constituiu, no período aureo da literatura de ficção, a parte mais atraente do género: a história propriamente dita.

Nada mais natural. O romance é de sua essência popular. Nasceu de degenerescência da epopeia, quando o povo se cansou de ouvir contar episódios heróicos da história da sua pátria. Consolidando-se com a própria língua que se ia diversificando entre os povos que esqueciam o latim bárbaro para falarem "romance", depois de muito hesitar, acabou o "romance" por ser romance: história em prosa não de heróis lendários, mas de homens quotidianos. E assim continuou por muito tempo, até se fortalecer, durante o século XIX, após a depuração dos excessos pastorais e moralizadores dos séculos XVII e XVIII, nessa como que tomada de consciência histórica que foi a era da novelística à maneira de Walter Scott e de Vitor Hugo. Quer dizer, através da História — ainda

e sempre a história — encontra o romance moderno as coordenadas em que se fixa na época mais próspera da sua evolução.

Entre nós tudo aconteceu como estava previsto: foi-se mesmo mais longe. Da confusão léxica entre História e história — confusão que se não verifica nos países de língua anglo-saxónica, onde História é "history" e história é "story" — decorreu, pode dizer-se, a conversão da nossa novelística setecentista, péssima mistura de jeito edificante, na ótima literatura de ficção estilo Camilo e Eça. Repudiando o patronato dos romancistas históricos, não repudiaram os romancistas do século passado a herança deles recebida. A nossa ficção realista é tão dedicada à história — "story" ou "estória", como querem os brasileiros — como à História eram dedicados um Herkulano, um Garrett ou um Arenaldo Gama.

Depressa se divulgou entre nós, na segunda metade do século XX, a tendência anti-histórica, ou antiestórica, se quiserem, assinalada na ficção estrangeira, particularmente na francesa. Era de prever. Apesar de tudo, a história ou a "estória" sempre fora a coisa mais difícil de se radicar entre nós. Por que? Por falta de imaginação? Não. Imaginativamente, sobretudo num contexto fantástico, alegórico ou edificante, não manifestamos nunca inabilidade para a ficção de conteúdo "estórico" (fixemo-nos no termo consagrado em terras brasileiras). Foi no contexto realista, ou de verossimil observação dos fatos, que sempre avultou entre nós uma manifestação relutância pela narrativa bem "estoriada". Desde os romances de cavalaria, convencionalmente agenciados, até a esse "imbroglio" heróico-sentimental que é a "Menina e Moça", para não falarmos na "Diana", rosário de pequenas "estórias" pastoris de taxativo convencionalismo, na "Primavera", no "Pastor Peregrino" ou no "Feliz Independente", alegorias poéticas ou moralizantes de nulo valor novelístico, que a debilidade maior da ficção portuguesa é a articulação da "estória" ou das "estórias". Que alívio, portanto, para os mal preparados romancistas lusos, acenaram-lhes lá de fora com o "requiescat in

pace" da novelística de conteúdo "estórico"! Foi um "vingar vilanagem" da juvenil ficção portuguesa! Matar o que afinal já está morto pouco custa; pouco ou nada. O pior é que o romancista não dispensa o leitor. E o leitor português, como todos os leitores do mundo, depressa se enfadou com a nova moda. A prova aí está: um dos romancistas nacionais mais radicados na imaginação "estórica" volta ao proscênio depois de um longo purgatório. As recentes reedições da obra camiliana testemunham este asserto. Em pouco mais de meio ano aí temos reeditadas não sei quantas obras do mestre de "O Regicida".

Camilo surge de novo na primeira linha da bibliografia portuguesa. Já era tempo. Nele nos retemperamos do que mais falta tem feito à ficção da língua pátria. Sobreleva a todos os folhetinistas encartados, o autor das "Noyelas do Minho" e das "Memórias do Cárcere". Não foi certamente por acaso que a sua carreira se iniciou sob o signo de Eugénio Sue. "Os Mistérios de Lisboa", eis o "pendant" nacional de "Os Mistérios de Paris".

Refiro em particular as "Noyelas do Minho" e as "Memórias do Cárcere", por que se me afigura que o melhor Camilo não está nas largas panorâmicas "estóricas". Extravia-se-lhe o talento quando se afasta do redondel da pequena "estória". Ora essas duas obras regurgitam de "estórias" concentradas. Nas "Memórias do Cárcere", por exemplo, as narrativas miúdas inspiradas na vida de cada um dos seus companheiros de ergástulo levam de vencida as largas tramas novelísticas dos seus romances propriamente ditos. Que impressionante galeria de casos e de tipos! E um nunca acabar de situações pícaras, meio caminho andado para a recuperação do perdido culto desse orago miraculoso que é a antiga "estória", a trama anedótica do romance tradicional. Camilo só contava bem histórias de homens e de mulheres que no fim de contas nunca saíram do "cárcere". Toda a sua obra é, por assim dizer, uma história do encarcerados. Sem serem os pés fora da prisão em que nascem, vivem e morrem, os heróis camilhanos atingem o paroxismo da aventura, aventureiros "desventurados"!